

JAMES, Henry. *Daisy Miller*. Tradução de Ana Maria Simeão Funck. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.

Sandra Sirangelo Maggio

*Daisy Miller* pode ser vista como uma representação da América: ela é jovem, tem ainda algo do frescor da infância, é espontânea, inocente e bem-intencionada. Entretanto, não possui refinamento, parece muito autocentrada, sem polimento, totalmente ignorante quanto aos costumes e convenções sociais que regem o comportamento de uma moça de sociedade da época. É frequentemente indiscreta e rebelde quanto a se adaptar aos valores do grupo social no qual se encontra. Como a flor indicada no seu nome, a margarida, ela é simples, natural, selvagem. Selvagem também é seu irmão, Randolph, que oferece uma crítica velada ao estereótipo do americano como turista tosco, que se gaba do que tem e possui um nacionalismo ingênuo e exacerbado.

Esta curta novela traz consigo todas as marcas do autor Henry James. Oferece um estudo sutil do comportamento da comunidade de estadunidenses abastados em autoexílio pela Europa, os quais rejeitam enfaticamente a falta de refinamento dos Miller – que paradoxalmente não parecem incomodar os europeus legítimos. O foco de percepção da narrativa se prende ao personagem Frederick Winterbourne, que não consegue decifrar o enigma quanto à natureza de Daisy e decidir se se trata de uma jovem simples e adorável ou de uma oportunista sagaz. A complexidade e a sutileza dessa análise psicológica proposta são apresentadas através da técnica de fluxo de consciência – *stream of consciousness*, em inglês – que por sinal, é uma expressão que foi cunhada pelo filósofo pragmático William James, irmão do escritor Henry James.

*Daisy Miller* foi originalmente lançada em 1878 no periódico *Cornhill Magazine*, sendo publicada pela primeira vez no formato de livro em 1879 pela Harper and Brothers. Diversas reedições foram

impressas durante a vida do autor, e em cada uma delas várias frases foram modificadas e buriladas por James, sempre preocupado com a sonoridade e os efeitos formais alcançados em suas frases longas e elegantes, com orações dentro de outras orações bem a gosto de integrantes do movimento Estetas e Decadentes, como John Ruskin, Oscar Wilde e o próprio Henry James.

A estrutura intrincada da frase de James e o pensamento abstrato que ela contém tornam ainda mais difícil a tarefa de um tradutor, que já é por si só suficientemente árdua. A primorosa tradução de 2009 empreendida por Ana Maria Simeão Funck através da Editora Armazém Digital é a terceira para a língua portuguesa. Foi feita a partir da edição publicada em 1909 por Charles Scribner's Sons e retém todas as características que fazem de Henry James o grande mestre de mestres que ele é.

SANDRA SIRANGELO MAGGIO

Doutora em Letras (UFRGS) e Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS.